

Quanto mais melhor?

Por **Thyeles Borcarte Strelhow**

Graduando em Teologia (Escola Superior de Teologia)

Graduando em Pedagogia (PUCRS)

thyeles@hotmail.com

Resenha de:

DEMO, Pedro. “200 dias letivos” ou “800 horas”: uma soma de vazios. **Revista de Educação AEC**, Brasília, vol. 27, n. 108, p. 14-35, 1998.

O artigo “200 dias letivos” ou “800 horas”: uma soma de vazios de Pedro Demo procura tratar em seu assunto principal a questão da limitação quantitativa da aprendizagem a um modelo autoritário e enrijecido de “dar aulas”. Para introduzir o assunto, o autor busca na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) como está legalmente formalizada a idéia qualitativa e quantitativa da educação. De acordo com a LDB, “a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de *efetivo trabalho escolar*, excluindo o tempo reservado aos exames finais, quando houver – Art. 24. I”.¹ O autor ressalta a frase “efetivo trabalho escolar”, que na sua visão vai muito além do vazio quantitativo de 200 dias letivos ou 800 horas de aula, pois dá uma noção de continuidade que não esgotar-se-ia apenas em aulas somadas.

Para ele, a lei teve um olhar bastante crítico em ressaltar a aprendizagem como o centro da educação, mas lamenta o § 2º do Art. 23 que estabelece que “o calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem reduzir com isso o número

de horas letivas previstas nesta Lei”. Neste parágrafo, a LDB novamente coloca a ênfase da aprendizagem nas aulas expositivas que são ministradas com “x” número de horas, enfileiradas em salas de aula. O autor chama atenção que este modelo não pode ser erroneamente confundido com educação, mas é essencialmente ensino, treinamento, resquício histórico de um tecnicismo copiado do sistema estadunidense de educação.

O autor mostra-se muito lúcido nesta percepção. Está mais que comprovado que a aprendizagem dá-se muito além de aulas expositivas entre quatro paredes de uma instituição de ensino. Prova disso, lamentavelmente, vemos em cidadãos e cidadãs analfabetos funcionais que, em sua maioria, não conseguem interpretar as informações com as quais são bombardeados diariamente. Aqui está a diferença entre ser o sujeito da educação ou ser o objeto de depósito de discursos. Se buscamos pessoas que saibam pensar criticamente a realidade em que estão inseridas, que transformam informação em conhecimento a partir da reconstrução, que pensam por si mesmas e que reconheçam em si agentes atuantes na história, o simples fato de aumentar a carga horária das aulas não será a garantia de sucesso.

¹ DEMO, 1998, p. 14.

Em relação a isto, o autor é muito enfático, afirmando diversas vezes que a aprendizagem não é uma mera transferência de dados, ou como ele mesmo chama “fazer cópias”. A aprendizagem se dá a partir da reconstrução do conhecimento por parte do educando/a. Aqui ele diferencia construção de reconstrução. Em sua visão, o termo construção está carregado de uma expectativa desenfreada de criatividade que pode ser às vezes frustradas, tornando-se assim, o ato de criatividade sem fim, ilusória. O termo reconstrução é mais realista e dá a liberdade ao educando/a de construir a partir do conhecimento que já existe, não exigindo partir do ponto zero. Se a aprendizagem se dá a partir da reconstrução, não necessariamente precisamos dar quantidade à aprendizagem, mas qualidade. E aqui entra outro fator importante para a aprendizagem que é a figura do educador/a.

O autor destaca que além da disposição do educando/a em reconstruir o conhecimento, o educador/a deve reconhecer-se como facilitador/a deste processo. Desse modo, há uma responsabilidade direta do educador/a no processo de aprendizagem do educando/a. O educador/a deve assumir seu papel maiêutico de fazer o educando/a pensar por si, levando ao questionamento sistemático, arrumando um ambiente construtivo, sugestivo e atraente, motivando de modo constante.² Os educadores/as não são os detentores/as do saber que depositarão as cópias de suas informações nas mentes “ignorantes” dos educandos/as. Há uma responsabilidade infinita em exercer o papel de educador/a e que deve ser assumido como tal. A aprendizagem acontece através da reconstrução das informações pelo educando/a e pela atuação maiêutica do educador/a.

Assim, a aprendizagem deve ser servida por todos os métodos e tecnologias que possam ser oferecidos. Demo deixa claro, que os dias letivos, as horas aulas, a comunicação audiovisual, os métodos, a internet tudo isso se torna insumo à

aprendizagem. Todos esses avanços da pós-modernidade devem servir ao papel principal: a *aprendizagem*. Não podem os métodos substituir o conhecimento. Os métodos devem auxiliar o educando/a a cada vez melhor reconstruir todo o conhecimento adquirido e implementar para o educador/a a tarefa de facilitar o acesso de reconstrução.

Em minha opinião, com esta definição de aprendizagem damos um passo importante em direção ao alcance de uma educação de qualidade. Quando retiramos do centro todas as parafernálias metodológicas e colocamos no centro a aprendizagem do educando/a, temos uma chave mestre que deveria perpassar toda a atividade pedagógica a ser vivenciada. Aqui consideramos os educando/as sujeitos da aprendizagem, agentes históricos que assumem seu papel de tomarem sua história nas mãos e serem atores e atrizes e não apenas figurantes numa sociedade massificante. A aprendizagem como reconstrução se torna constante não apenas definida a uma parte da vida até conseguir o certificado de conclusão. O conhecimento é assim vivenciado nas entranhas e não apenas num contato superficial, pois há a apropriação do conhecimento. Penso por minhas próprias ideias, aliás, agora tenho ideias e não apenas o seguimento de opiniões. Aí sim se tem o poder da decisão e não apenas a ilusão da decisão.

De acordo com o autor, a quantidade deveria ser acompanhada pela qualidade. Para tal, não só o educando/a deve tomar posse do conhecimento, estando em contínuo processo de reconstrução, mas também o educador/a. Para exercerem com equidade a responsabilidade maiêutica, os educadores/as têm que ter em sua posse a possibilidade de aprender. Para que isso aconteça, deve haver a pesquisa como forma de reconstrução pessoal e não apenas certificados ou capacitação. Os educadores/as devem tomar posse do direito de estudar para que também estejam em acordo com a aprendizagem, pois eles/as também são sujeitos históricos pensantes, em constante aprendizagem. Desse modo, estaremos dando qualidade à

² DEMO, 1998, p. 23.

quantidade, ajudando o educando/a a aprender bem.

Em minha opinião, o artigo possui uma linguagem de fácil acesso que auxilia o bom entendimento do texto. A boa estruturação do texto com encadeamento de idéias faz com que o artigo se torne uma leitura agradável. Gostei da leitura e recomendo-a. É uma discussão importante

e que deveria ser debatida com maior frequência para alcançar sempre uma qualidade melhor da educação brasileira.

[Recebido em março de 2008
e aceito para publicação em junho de 2009]